

APRESENTAÇÃO

Escrevo o presente livro para transmitir certos conhecimentos sobre militância. Um grupo organizado que ignora o aprimoramento não terá futuro.

Estou convencido de que é preciso sempre aprimorar a capacidade dos militantes, para que não fiquem brutos ou toscos, incapazes de saber como agir e reagir adequadamente e segundo a natureza do tipo de disputa atual.

Durante muito tempo procurei o método adequado para apresentar o conteúdo do presente trabalho; encontrei-o por acaso, num livro que já tinha lido várias vezes: “A Lei da Guerra” de Sunzi, que comumente se traduz por “Arte da Guerra” de Sun Tzu.

O livro de Sun Tzu, entretanto, não é absolutamente aproveitável para nosso caso, por isso, não há necessidade de analisar sentença por sentença do genial pensador, porque nem todo conceito útil para guerra de atrito é útil para a disputa de militâncias, nem o horror daquela é, em um primeiro momento, comparável ao desta.

Carl von Clausewitz ficou conhecido por sua célebre frase que diz: “*A guerra é a continuação da política por outros meios*”, Não seria exagero dizer que “*A política é a continuação da disputa de mititâncias*”. Então, de certa forma, a guerra pode ser um filho

indesejável da militância que dominou o poder político.

Cursos, palestras, vídeos formativos, nada substitui o livro e a inteligência daquele que o lê; uns vão extrair dele grande sabedoria, outros nem tanto, mas creio que todos terão algum aproveitamento.

É bom que este conhecimento possa repousar numa base de virtudes cardeais e teologais bem desenvolvida: coragem, prudência, justiça, sabedoria, fé, esperança e caridade. Todavia, essa base de virtudes é muito rara, conto nos dedos os homens que conheci imbuídos dessas virtudes tão fundamentais para que uma instrução de tipo técnica, reflexiva, seja plenamente compreendida, entretanto, não é minha tarefa aqui falar sobre as virtudes, para o desenvolvimento delas recomendo aos leitores “Dos deveres” do pensador romano Cícero, e “A conquista das Virtudes” do Pe. Francisco Faus.

Mesmo os homens pouco virtuosos que a necessidade catapultou à liderança haverão de tirar algum proveito do presente livro: se não levar os subordinados para a vitória ao menos não os levará para o aniquilamento.

As lutas próprias de uma militância pela obtenção de maior eficiência metódica

(matéria que aqui trataremos) são responsabilidade dos núcleos. Não discutiremos a “aniquilação” de um adversário, basta saber que tal “aniquilação” jamais virá sem as vitórias de superfície, e que a verdadeira batalha consiste em vencer o adversário pelas idéias.

Ainda sobre “aniquilação” do adversário, importa dizer que não a vejo pelo ângulo de que eliminaremos a presença da sua ideia torta da consideração dos homens, mas que o conduziremos para a derrota graças aos estudos, contrapondo-os com idéias certas, de modo a abater uma ação ainda no seu nascedouro no coração do homem. Entretanto, os movimentos de agitação, as facções que concorrem na disputa do poder, que não são as ideias em si mas sua *longa manus*, é o que deve ser combatido. Sempre haverá elementos perigosos, sempre haverá pensamentos perigosos, mas pensamento ruim se combate com pensamento bom; quando o pensamento ruim quer alçar o poder então se combate sim os homens que são seu transporte do subjetivo ao objetivo.

Devo advertir o leitor para o seguinte fato: tecerei apenas uma abordagem sobre a camada “superficial”, porque o aprofundamento não é ensinado por nenhuma técnica mas é um talento individual; o talento individual, porém, melhor se desenvolve com

auxílio reflexivo capaz de abrir as portas iniciais.

Este livro, poderá pensar alguns, é “capaz de ajudar a todos os lados”, mas não é bem assim; existem adversários nossos que possuem na sua ideologia elementos dissolventes, tais elementos são aglutinadores graças ao poder de atração que exercem sobre inteligências simiescas; “liberdade, igualdade, fraternidade” que são idéias sem conteúdo, e que se tornam “anarquia, totalitarismo e cinismo” na prática. Quem reúne homens *desvirilizados* e mulheres infantilizadas só serão fortes pela quantidade, o que lhes dá sempre alguma vantagem, mas não podem competir com o surgimento ou o fortalecimento de um grupo que, sabendo a desvantagem numérica, busca a qualidade.

Ainda, o livro pode servir para curiosidade de muitos, mas não servirá para absolutamente nada se não cair nas mãos certas. Alguém pode ter grande noção do que é estratégia, mas não possuir nenhum poder de efetuar manobras — é o caso do famigerado Marechal de Campo Alemão Friedrich W. Ernst Paulus, que sendo um ótimo teórico na academia, não soube conduzir o sexto exército alemão a uma vitória contra os russos em Stalingrado.

Para nós, ocidentais, a guerra fratricida entre a ideologia alemã e russa é fonte subsidiária de muita informação, mas são

duas forças igualmente malignas, e é contra a existência desses adversários entre outros, que o dever moral nos impele a estudar. O Marechal Erwin Rommel (esse sim!), além de grande estrategista, um grande homem de ação e bom senso, durante muitos anos fez muito com pouco, o que é a marca salutar do bom líder. Mas, conforme reza a lenda, dias depois do Dia D, observava as formações aéreas norte-americanas e murmurava “quem me dera ter tal força”, ou seja, ele era subjetivamente capaz de muito, mas objetivamente não, nem o tempo e nem o terreno estavam a seu favor, e já não havia muito o que fazer depois de sucessivas escolhas erradas, a começar pela ideologia em que se deposita a esperança de um futuro promissor.

O melhor que este livro pode oferecer é criar um mecanismo na mente, que terá um protagonismo parecido com o lugar ocupado pelo “Eu penso” do *mecanismo de conhecer* proposto por Immanuel Kant na “Crítica da razão pura”, ou seja; o “Eu penso”, na filosofia de Kant, é a representação irreduzível que permanece igual a si mesma em todo representar junto com seus conteúdos diversos. Kant denomina a representação irreduzível “eu penso” à “unidade sintética originária da apercepção”, ela opera antes das categorias que permitem o conhecer.

Se o exemplo anterior ficou nebuloso, eis o seguinte: este livro estabelece reflexões que criam no espírito a “saliência” onde se pode acoplar as situações particulares e múltiplas que se apresentam pelos sentidos à mente, isto é, sua cooperação dá ao estudioso elementos com que criar a base onde se assentam informações que requerem síntese estratégica, mas tudo isso não significa nada se não houver os meios da ação, por onde passar do subjetivo ao objetivo, da ideia força à idéia fato.

Não adiantará nada ao homem de vida comum e simplória ter acesso a este material; servirá para sanar uma espécie de curiosidade preciosista, como um não-militar, um padeiro suponhamos que lê por mera curiosidade os livros voltados à preparação técnica de artilheiros militares; que fará ele com as informações e os cálculos? Absolutamente nada.

O livro cria, então, uma boa disposição para recepção das informações que requerem análise e que são fornecidas por situações particulares, singulares em muitos aspectos, que não podem ser imaginadas e listadas em qualquer escrito. Portanto, o livro cria a base para centenas de milhares de combinações que a mente astuta faz em contato quase diário com o tema, que se apresenta na vida de militância. Que o mal possa tirar proveito

disso jamais duvidarei, mas o homem virtuoso em posse destas informações começa a corrida na frente. Se os homens bons não conseguirem introjetar aquilo que é necessário, então serão razão de sua própria derrota.

A preparação da ação, a minúcia na coleta e triagem de informações, o tipo do preparo dos militantes, a “pedagogia”, o que os inspira e os movimenta para lutar, a eficiência técnica dos instrumentos disponíveis, as ferramentas postas a serviço da disseminação de uma idéia, da articulação de um projeto, tudo isso é complexo, e demasiado técnico para expor em qualquer escrito não especializado, o que também não é nosso interesse aqui.

Reflexão geral sobre estratégia I

Quando falamos amplamente de estratégia, ela não é mais do que simplesmente prever as ações necessárias para chegar onde se almeja, entretanto a estratégia pode ter como objetivo, por exemplo, domar elementos naturais como são as intempéries do tempo, graças ao avanço das técnicas meteorológicas, por razões agrícolas. Mas no que concerne ao convívio dos homens, as novas exigências da luta política, a estratégia é, na maioria das vezes, derrotar uma consciência adversária, isto é, a

força de uma ou várias razões contrárias, operando na conquista dos mesmos objetivos ou objetivos opostos, que não podem coexistir pacificamente.

Quando falamos de razões contrárias queremos chamar atenção para uma questão não pouco importante: os adversários em uma disputa não são, em nenhuma hipótese, elementos estúpidos, incapazes de aprender, de evoluir e de adaptarem-se rapidamente. Duas importantes lições:

- 1) não subestimar os adversários;
- 2) agir com rapidez nas mudanças do terreno!

Erra quem toma os adversários como burros congênitos só porque aderiram a uma cosmovisão errada, porque o exercício do poder em si, pouco ou nada tem a ver com a cosmovisão professada pelas partes em disputa.

A conquista do poder tem a ver com o saber manobrar com rapidez, com destreza e habilidade as forças em curso, e a manobrabilidade de forças, sua adaptabilidade no agir, é exatamente o que requer estratégia, ou seja: quem tiver a melhor estratégia, manobrá-la melhor obterá o poder ou evitará ser obliterado por ele.

Os exércitos no mundo inteiro chamam seus exercícios de “praticar manobras”, porque só a prática de boas e decisivas

manobras levam à perfeição e à vitória. Treinar movimentos de ataque e defesa é coisa muito importante e decisiva para o bom êxito de uma militância; para finalidade de exercício, podem ser feitas “simulações”, escolhendo alvos mais vulneráveis, e não prosseguindo até a fase de ataque, bem como escolher um dos nossos que voluntariamente se disponha para ser “inimigo”.

Um campo curioso e ao mesmo tempo inútil da vida de militância, seria produzir o que é uma espécie de “ética para militância”, que deve versar sobre os limites morais para operações e manobras contra um adversário. A matéria, no entanto, é completamente inútil porque poucos tipos de relações chegam ao grau frio e traiçoeiro do que o apresentado na disputa de militâncias.

O nosso “campo de guerra” deve ficar claro desde o princípio, não é bélico no sentido lato da palavra, portanto, tudo quanto se refere à vida militar aqui empregue como exemplos deve ser entendido no sentido análogo para aplicação na vida da militância, entretanto, não se pode ignorar que há também nos exemplos alguma aplicação que indiretamente serve para ações beligerantes, mas certamente este livro não cairá nas graças de quem tem o poder para ações beligerantes, essas requerem outro tipo de estudo.

Dissemos que “o exercício do poder em si pouco ou nada tem a ver com a cosmovisão professada pelas partes em conflito”; é bom que quem obtenha o poder tenha também a cosmovisão da verdade e do bem, assim não sofrerão os que se encontrarem abaixo do poder vencedor: uma força vitoriosa que atinge o poder, não se torna boa em virtude disso.

Todavia, aqueles que estão mais perto da perfeição moral não são comumente os que costumam obter o poder temporal, justamente porque “o bem” e o “ser bom” costuma ser vivido estoicamente, isto é, “para ser bom não devo me preocupar com as adversidades do mundo, devo ignorá-las”, o que se torna inércia e até repulsa ao planejamento e execução estratégica no que concerne o combate de um ou alguns adversários e seus respectivos planos, incorrendo-se então no erro que chamamos vulgarmente de *puritanismo*, com o qual os adversários contam e incentivam entre nós, para que abandonemos o terreno sem lutar, em nome da “paz”, da “concórdia”, do “convívio” do “respeito” ou o que mais se possa usar para camuflar a covardia e a estupidez do nosso lado. Aquilo que o adversário defende não pode ser respeitado, porque se fosse digno de respeito ele não seria contado entre nossos adversários.